

Apresentação

O que é um livro que se reencontra cinquenta anos depois? O que é um livro que se lê longe das coordenadas espaço-temporais de sua primeira publicação? Neste meio século de *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* (1975) temos a possibilidade de nos perguntar novamente por tudo isso. É interessante notar que Michel Foucault já tinha estabelecido perguntas a este respeito quando da reedição de *História da loucura na Idade Clássica* em 1972. Se em 1961 sua primeira edição encontrou uma fria recepção, os movimentos antipsiquiátricos dos inícios dos anos 1970 deram uma vida própria a esse livro então esquecido. Ao ser impelido a escrever um novo prefácio, Foucault saberá recusar o lugar de dono do sentido de seu livro sobre a loucura e assim se justificará:

Gostaria que um livro, pelo menos da parte de quem o escreveu, nada fosse além das frases de que é feito; que ele não se desdobrasse nesse primeiro simulacro de si mesmo que é um prefácio, e que pretende oferecer sua lei a todos que, no futuro, venham a formar-se a partir dele. Gostaria que esse objeto-evento, quase imperceptível entre tantos outros, se recopiasse, se fragmentasse, se repetisse, se simulasse, se desdobrasse, desaparecesse enfim sem que aquele a quem aconteceu escrevê-lo pudesse alguma vez reivindicar o direito de ser seu senhor, de impor o que queria dizer, ou dizer o que o livro devia ser. Em suma, gostaria que um livro não se atribuísse a si mesmo essa condição de texto ao qual a pedagogia ou a crítica saberão reduzi-lo, mas que tivesse a desenvoltura de apresentar-se como discurso: simultaneamente batalha e arma, conjunturas e vestígios, encontro irregular e cena repetível. (Foucault, 2019, p. 25)

Quanto a seu livro sobre as prisões, é também certo que se ainda há nele alguma relevância mesmo depois de meio século, ela impreterivelmente se dá mais em sua dimensão de *discurso* do que de *texto*, considerando seus efeitos pragmáticos. Que *Vigiar e Punir* carregue os ecos tão específicos de uma França pós-Maio de 68, carregada de opressões policiais, prisões de militantes de esquerda, revoltas nas prisões... ele, mesmo tão distante, parece ainda ter a capacidade de ser um *permutador* de questões que nos são estranhamente próximas. Que estranhas afinidades são essas que mantemos com este livro tão específico de seu tempo? Por que ele ainda nos fascina e nos convida a caminhar

lentamente por suas excêntricas cenas (suplícios; arquiteturas; castigos; dizeres...)? Se Deleuze (2017) dirá que o pensamento de Foucault caminha mais por crises do que por evoluções, talvez encontremos aí uma pista. Não é justamente a inquietude de seu autor que nos convoca? Não é exatamente essa forma *sui generis* de combater o intolerável que nos chama? Este estranho livro-objeto não é óbvio em sua proposição. Por que uma história das prisões? Por que uma genealogia? Por que o corpo? Por que tanta inquietude com temas que pareciam estabilizados e pacificados? Que *Vigiar e Punir* ainda possa nos mobilizar, isso é da ordem da inquietude, que nos faz recusar os consensos pacificadores que o presente nos apresenta.

E assim, buscamos explorar junto a um grupo de autores que acolheu o nosso convite, explorar as heranças que cada qual teve dos problemas, provocações e conceitos deste livro, assim como as formas com que cada qual pôde transformar estes termos direcionando estas ferramentas a um tema e a uma questão presente.

Saberá o tenaz espírito crítico fazer dos artigos que aqui apresentamos neste dossiê um *discurso*, e então extrair, dos acontecimentos em meio aos quais eles agora são lidos, suas batalhas e suas armas.

Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução: Peter Pál Pelbart. 3ª edição ed. São Paulo, SP: Editora 34, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2019.

Arthur Arruda Leal Ferreira
Professor do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
E-mail: arleal1965@gmail.com

César Pessoa Pimentel
Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da
Universidade Federal do Rio de Janeiro (EICOS – UFRJ)
E-mail: cesar.pimn@gmail.com

Mateus Thomaz Bayer
Doutor em psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade
Federal do Rio de Janeiro (PPGP-UFRJ).
E-mail: mateusthomaz@gmail.com